

O Centurião de Cafarnaúm

Pelo Cel. SILVEIRA DE MELLO

Os evangelistas S. Mateus, Cap. 8, e S. Lucas, Cap. 7, não nomeiam o protagonista do episódio edificante que vamos narrar. Basta que lhe chamemos simplesmente o Centurião, ou, melhor o *Centurião de Cafarnaúm*, para distingui-lo do *Centurião do Calvario*, que também representou papel significativo na confissão da divindade do Cristo.

Desejamos no entanto, transportar para estas linhas, mais ao vivo, o colorido e as expressões que deviam caber ao cenário em que se desenrolou o quadro desta ocorrência da vida de Cristo.

Estabelecermos também a concordância entre os dois evangelistas, seguindo as interpretações de S. Crisóstomo e de Sto. Agostinho, comentadas pelo insigne jesuita Pe. Noeut.

* * *

Roma conquistou os povos de todo o litoral mediterrâneo, desde as colunas de Hércules até o Bósforo, das pirâmides ao Olimpo. Os cartagineses fizeram sombra ao império, mas a tenacidade romana abateu-os por fim. As civilizações helênica, egípcia, caldaica estavam em decadência; foi mais fácil submetê-las.

A Palestina, pátria de Israel, tivera o cetro das nações. Nela residia a verdadeira fé — privilégio de seu povo. Deus lhe outorgara um código de leis que devia preparar o advento do Cristo. Reis como David, Salomão, Ezequias fizeram-na respeitada e temida.

Queria Deus que esse povo estendesse seu domínio e suas leis a todo o mundo. Mas não se mostrou digno da escolha. No decorrer dos séculos, depois que foi constituído em nação, três vezes esteve sob o cativeiro de países vizinhos. Que vergonha! O povo eleito de Deus... Não obstante, o Altíssimo não quis retirar de Israel o seu amor de

preferência, em atenção à promessa que fizera aos patriarcas e profetas, que lhe foram fiéis, de que o Cristo sairia de sua linhagem.

O povo israelita, porém, ao invés de irradiar para as demais nações os conhecimentos da fé que recebera, deixou-se contaminar pelas mesquinhas superstições dos gentios, a ponto de resvalar amiúde na própria idolatria. De 12 tribus oriundas de Jacob somente duas permaneceram congregadas, embora divididas em seitas e camarilhas. Esse povo ingrato, violando de contínuo sua fidelidade a Deus, era natural que passasse, por vezes, da situação de senhor à situação de escravo. Quem a Deus ama, Deus lhe assegura a condição de amigo. Decaído pelo pecado, passa à condição de escravo.

“Quem comete o pecado é escravo do pecado”.

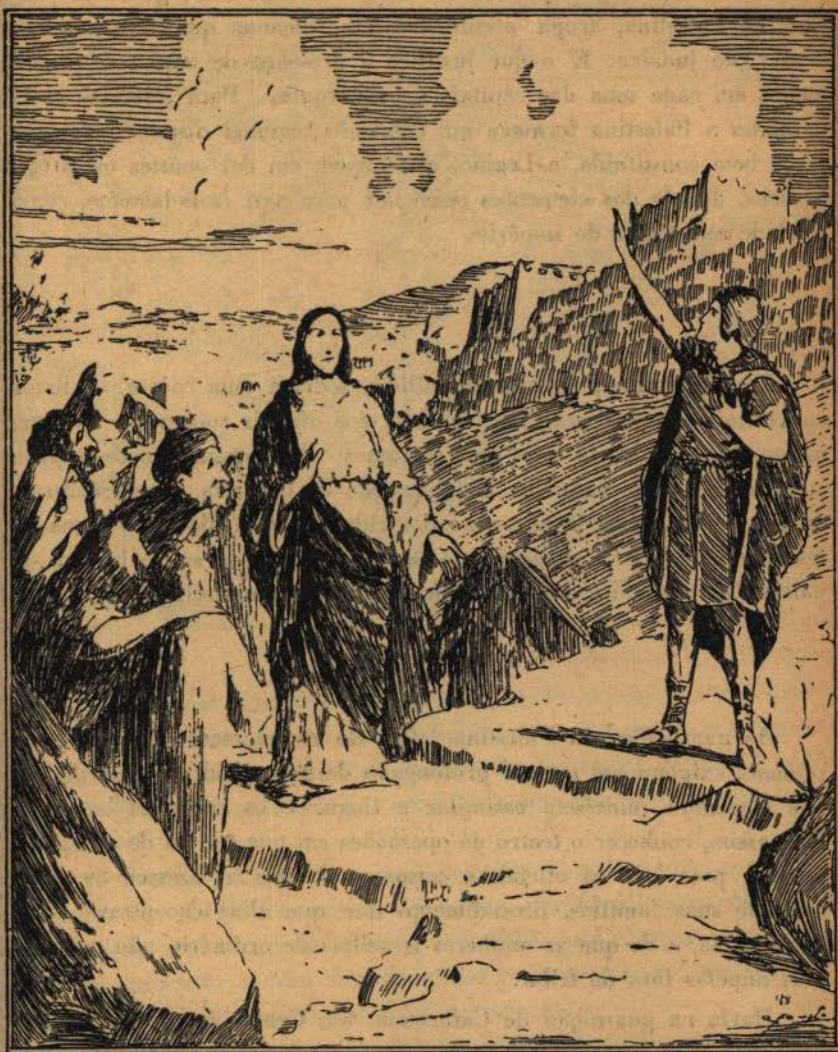
* * *

A Palestina, nesse tempo, estava sob o jugo romano, cativo mais suave que os anteriores. Os romanos governavam com pulso firme, porém com notável senso político. Queriam a submissão, os tributos, mas deixavam aos países conquistados a cultura própria, sua religião, suas organizações internas. Eis por que Roma, senhora do mundo, ciosa de seus deuses, sofreu a infiltração da cultura e dos deuses helênicos e egípcios. Não admira também que o Cristo, crucificado por um governador romano, e apesar de proscrito, operasse a seguir a conquista espiritual do império.

Transformada em província romana, a Palestina compreendia uma tetrarquia, isto é, quatro circunscrições autônomas: a Judéia, a Abilina, a Galiléia e a Ituréia.

Dividir para reduzir, tem sido o jogo político e estratégico de todos os tempos. O povo de Israel, mais que todos os povos, tinha o cimento da coesão que lhe emprestava a tradição de milênios, a fé em um só Deus verdadeiro, as promessas de redenção, leis divinamente inspiradas, uma história gloriosa.

Esse povo, embora vencido e humilhado, não dobrava o orgulho. Simulando vassalagem, acalentava sempre pronunciado espírito de autonomia e superioridade racial, como eleito de Deus. As classes sacerdotais e dirigentes não velavam muito sua subserviência aos dominadores estrangeiros, visto que, assevandijadas pela cobiça e pela vaidade, de tudo queriam tirar partido.



Entretanto, não poucos varões justos, como Zacarias, Simcão e Gamaliel, sobrepairavam à vulgaridade mesquinha de seus pares. Também patriotas houve, que não curvaram a cerviz como Mardoqueu ou que preferiam insurgir-se contra os dominadores como o valoroso Matatias. As tentativas de libertação, porém, não raro mal conduzidas, era rapidamente sufocadas e duramente castigados os seus promotores.

Dai se infere por que Roma conservava uma forte guarnição militar na Palestina, tropa acentuadamente romana, que não admitia conscrição judaica. E' o que justifica a presença de uma coórte pelo menos em cada uma das capitais da tetrarquia. Para articular essas unidades a Palestina formava um comando regional dispondo de uma força bem constituída, a Legião, que orçava em dez coórtes ou 6 600 homens, dotada dos elementos essenciaes para agir isoladamente, como unidade estratégica do império.

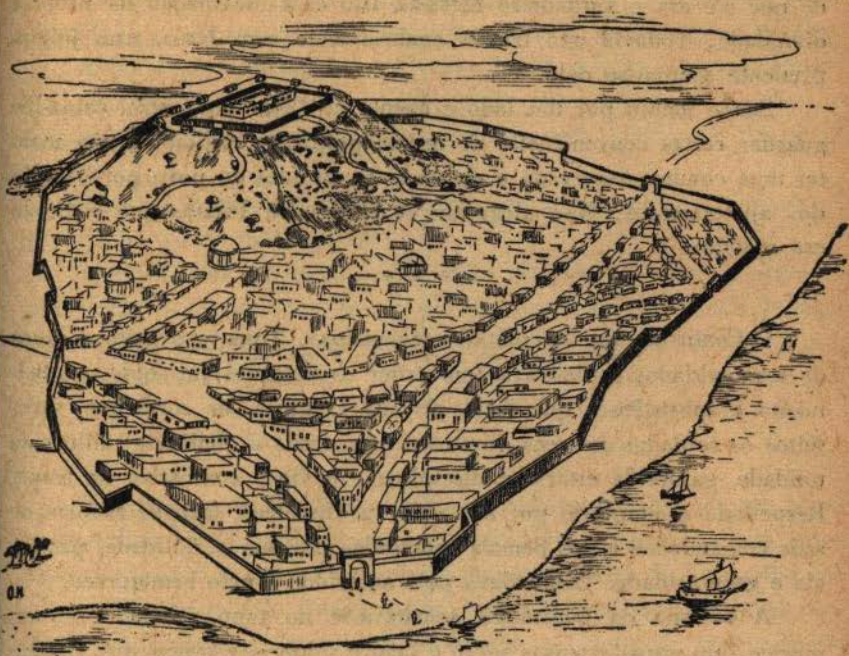
* * *

Em Cafarnaum, capital da Galiléia, sediava uma coórte. A longa convivência com os israelitas facultava aos officiaes romanos o conhecimento de sua história e de seus costumes. Não foram poucos os que, como o Centurião Cornélio, da guarnição de Cesaréia, se persuadiram de que a verdadeira fé estava na doutrina mosaica. Isto veio tornar-se mais evidente com a pregação do Batista e culminou sob o influxo da palavra arrebatadora de Jesus e de seus estupendos milagres.

* * *

As guarnições da Palestina, além do recrutamento genuinamente romano, exigiam um estágio prolongado de seus quadros, afim de que tais elementos pudessem assimilar a língua e os costumes locais, e, bem assim, conhecer o teatro de operações em que teriam de agir. Era natural, pois, que os officiaes e certos graduados se fizessem acompanhar de suas famílias, procedimento esse que aliás encontrava outra justificação, a de que as mulheres israelitas de ordinário não convolvavam núpcias fora da tribu.

Havia na guarnição de Cafarnaum um Centurião romano que se impusera por sua distincção. Tornara-se conhecido e estimado. Sua cênturia distinguia-se das demais pela correção e pela disciplina. Homem culto, versado na literatura greco-romana, o Centurião havia apreendido com facilidade a língua e a história de Israel. Comparando a pluralidade caótica dos deuses gentílicos com a unidade teogônica israelita, não teve dúvidas de que só podia haver um Deus e que esse único Deus era o Jeová de Israel.



Fortalecido por tais convicções, e mau grado as reservas que dele exigia o exercício do cargo, travou relações com os principais rabinos da cidade, frequentava o átrio do templo de Jerusalem destinado aos estrangeiros e prestava o auxílio pecuniário que lhe solicitavam para o culto.

Jesus escolhera Cafarnaum para sede de suas jornadas apostólicas. Era a sua cidade, como diz o Evangelho, porque ali se recolhia de costume para repousar e atender às multidões que vinham, de todas as bandas, procurar a cura de seus males e ouvir a sua doutrina. O Salvador estava no segundo ano de seu apostolado.

A cidade dava a impressão de uma feira permanente à beira do lago de Genezaré. Mercadores de especiarias, cambiadores, pastores, vinhateiros, pescadores, negociantes de marfim e de pérolas, tecelões, tropeiros, davam vida intensa ao comércio local.

O Centurião, por dever de ofício, observava discretamente o que se fazia e dizia entre Jesus e o povo. Mas a pouco e pouco, ouvindo a doutrina do Mestre e contemplando seus milagres, não teve dúvidas

de que ele era o verdadeiro Messias, isto é, a encarnação da própria divindade. Todavia não travou conhecimento com Jesus, nem julgou prudente acercar-se dele.

Sendo gentio por um lado e agente de César por outro, cabia-lhe guardar certas conveniências de ordem política e militar. Devia manter uma conduta reservada e observar as atitudes do povo por ocasião dos ajuntamentos. Não alegaram os fariseus a Pilatos que o Centurião era sedicioso?

* * *

O Centurião era um oficial consciencioso. Tomava a peito a satisfação de seus soldados e pleiteava com ardor as dotações em soldo, equipamento e subsistência que fazia jú sua Centúria, de sorte que, sempre feitos os soldados em seus direitos e assegurada a eficiência militar da unidade, garantida estaria a disciplina e o vigor combativo da tropa. Respeitado e admirado por seu valor profissional, fazia-se estimar pelos seus comandados e dos demais camaradas por sua afabilidade, paciência e generosidade. Comandava pela autoridade e pelo bem-querer.

A caserna da guarnição assentava-se no topo achatado de uma colina maciço com vistas extensas sobre o lago e sobre as estradas que vinham a ter à cidade.

Um possante muro de pedras cercava o recinto da caserna, e dentro dele se distribuíam os alojamentos, o rancho, os pátios de exercício, os depósitos, os torreões de vigias e as banquetas dos besteiros. Por baixo, seguindo a curva de nível da crista militar, a muralha do quartel era precedida de um fôssco, à maneira de contravalação, destinado a aparar os primeiros golpes de um assalto.

Duas entradas com torreões davam acesso ao quartel, uma para o nascente olhando a cidade e o lago, outra com vistas para o poente a cavaleiro da incidência das estradas que convergiam de Cesaré e de Jerusalem.

Balisando o fôssco de apoio e por ele protegidas, alinhavam-se as casas de famílias dos oficiais e graduados da coórte, situadas, pelo seu propósito, sobre os salientes e as cortinas.

Esse dispositivo tinha em vista resguardar as famílias dos militares romanos nos caos de distúrbios. Na hipótese de uma insurreição recolhidas as famílias para dentro dos muros, as suas residências viriam de observatórios e fortins da linha de apoio.

Na faixa interna desta linha, e abaixo dela até as primeiras casas da cidade, o terreno estava livre, apresentando bons campos de tiro.

Além disso, Cafarnaum, como as demais cidades, era cercada de uma muralha contínua, em cujas portas, guarnecidas de torreões, o comando da praça dispunha de guardas para vigilância dos transeuntes.

Esse era o dispositivo tático com que as guarnições romanas se preveniam contra as surpresas.

Identicamente, no campo estratégico elas de tal sorte se articulavam entre si, que podiam correr em auxílio umas das outras, fazendo abortar ou reprimindo com vantagem as rebeliões ou levantes regionais das nações tributárias.

* * *

Passavam-se os dias desse tempo em Cafarnaum, quando um acontecimento trivial da vida das casernas veio conturbar o espírito generoso do Centurião. Caiu enfermo o seu ordenança. O Evangelho diz "servo" ou "criado". Eletivamente, não será essa, na prática, a condição do ordenança ou soldado destinado ao trato do equipamento, fardamento e dos pequenos serviços ordinários do oficial? Por mais que se queira limitar as funções dos ordenanças e bagageiros, eles continuam sendo, bom grado, mau grado, verdadeiros serviçais dos chefes, mormente quando estes lhes ganham os corações.

Eis porque os Evangelistas, alheios às coisas militares, não se deram conta de que o criado do Centurião era um verdadeiro soldado.

O Centurião sabia quanto vale a dedicação desses humildes servidores. Não era ele o seu companheiro de perigos, o valente lutador desinteressado que o acompanhara nas campanhas das Gálias e do Egito? Não era o seu escudeiro fiel, cioso de seu capitão, diligente em servi-lo, capaz de dar por ele a vida a cada momento?

O Centurião consultou o cirurgião da coórte, recorreu aos médicos judeus... Havia um mês que o soldado retorcia-se de dor em cima da tarimba. Estava paralítico, efeito remoto talvez das febres que o acometeram no vale do Nilo.

Por esse tempo Jesus recolhia-se a Cafarnaúm depois de um giro pela Galileia. As multidões o acolhiam com grandes demonstrações de júbilo. À sombra de sua silhueta os paralíticos saltavam como ca-

britos e os doentes que se afoitavam tocar-lhe a fimbria do manto reerguiam-se curados. “Saía dele uma virtude que curava todos”.

Nesse dia, um leproso, que ousara acercar-se dele na estrada, viu-se subitamente limpo e corria à frente da comitiva enaltecendo o Messias.

O Centurião, à vista do reboliço popular motivado pela entrada de Jesus na cidade, foi ter com o rabino da sinagoga e suplicou-lhe:

— Não me atrevo a recorrer ao Nazareno para pedir a cura do meu soldado. Não somos de tua nação. Mas conjurote por Moisés, teu profeta, impetres-lhe o seu valimento em favor de meu doentê.

O rabino congregou os escribas e anciãos e apresentou-se ao Cristo nestes termos:

— Ele bem o merece. E’ homem justo e amigo de nosso povo. Embora gentio, pleiteia nossos pedidos junto ao Tribuno e chegou mesmo a construir-nos uma sinagoga.

Jesus, tocado desse apelo, retorquiu:

— Levai-me à casa do oficial. Eu curarei o soldado. Sabendo o Centurião, por um agente que enviara com os anciãos, que Jesus deferira o seu pedido e já estava a caminho da caserna, despachou um subalterno da centúria com esta mensagem:

— Um militar estrangeiro não merece que vás à sua casa. Se as doenças te obedecem de longe, e a teu aceno fogem espavoridos os demônios, basta que me envies a tua palavra.

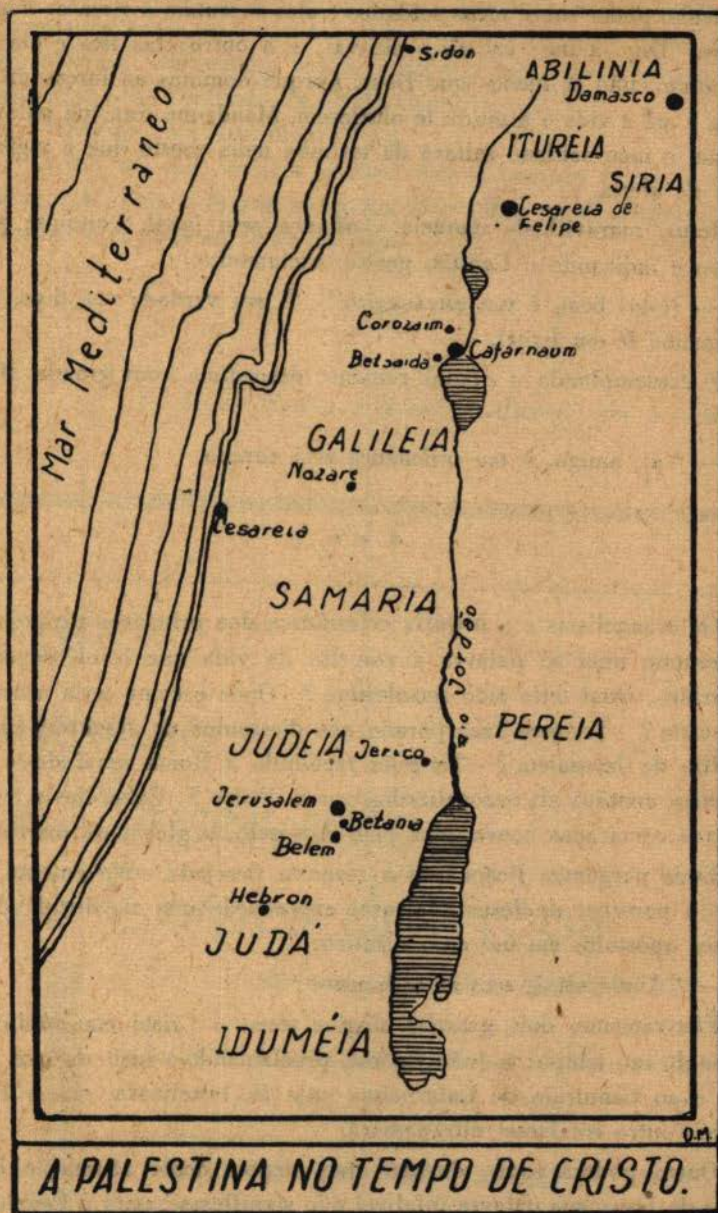
Jesus, porém, que conhecia o coração dos homens, quis exaltar a sinceridade e confiança de um estranho, pondo publicamente em cheque a obstinação dos mentores do povo, os quais viam os milagres e não reconheciam sua procedência divina.

Jesus, pois insistiu:

— Eu irei à casa do enfermo.

A multidão, antegozando o desenlace feliz de um novo prodigio, acercava-se já da encosta do outeiro da coórte. Nesse momento, o Centurião, percebendo que uma figura heráldica, cabeleira ondeante e manto alvi-creme, se destacava à frente do povo, saiu correndo ao seu encontro. Estacou a dez passos de distância, levou a mão direita espalmada à frente, em continência romana, e exclamou humildemente:

Ave, Dómine! Eu não sou digno de que entres em minha casa.



A PALESTINA NO TEMPO DE CRISTO.

Manda-me com tua palavra e o meu ordenança ficará curado. Eu também tenho poder sobre meus soldados e eles executam à risca as minhas ordens. Digo a um: vai ali e ele vai; e a outro: faz isto e ele faz. Tu, porém, não és menos que Deus, porque dominas as forças da natureza e até a vida e a morte te obedecem. Manda-me com tua palavra e basta, o meu soldado saltará da tarimba mais presto que o vigia ao toque de alerta.

Jesus, maravilhado daquela confiança sem igual, voltou-se para o povo e indicando o Capitão gentio, exclamou:

— Notai bem, é um estrangeiro! E em verdade vos digo, não vi amanhã fé em Israel.

E contemplando o oficial romano, despediu-o com grande afabilidade:

— Vai, amigo, o teu ordenança está curado.

* * *

Os evangelistas e a história eclesiástica dos primeiros tempos não acrescentam uma só palavra a respeito da vida que levou depois o Centurião. Qual teria sido seu destino? Onde e como teria ocorrido sua morte? Ter-se-ia incorporado aos discípulos de Jesus depois do Concílio de Jerusalem? Ter-se-ia recolhido à Roma reunindo-se aos primeiros cristãos ali evangelizados por S. Pedro? Caber-lhe-ia, como a outros camaradas convertidos pelo Apostolo, a glória do martírio?

Estas perguntas ficam sem a resposta desejada. No entanto, estamos a perceber de Jesus a amavel exprobação que ele dirigiu certo dia aos apóstolos em um caso idêntico:

— “Ainda estais sem entendimento?”

Efetivamente, dois grandes elogios teceu o Cristo em público a varões do seu tempo; a João Batista, proclamando-o mais do que profeta; e ao Centurião de Cafarnaúm, cuja fé, testificava, alto e bom, nenhum outro em Israel ultrapassara.

Quem poderá, pois, duvidar que, depois dessa afirmação categórica de Jesus, sua palavra infalível não significasse, para o Centurião, mais ainda que para Dimas, um lugar privilegiado no céu?